

Dossiê Especial RRV-TH

**A PLURALIDADE DA PESQUISA EM HOSPITALIDADE:
A ESCOLA BRASILEIRA**

**The Plurality of Research in Hospitality: The Brazilian
School**

LEANDRO BENEDINI BRUSADIN¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i2p289>

APRESENTAÇÃO

A Hospitalidade, enquanto área de pesquisa, carece de muitas respostas para seu próprio fortalecimento científico. Não obstante, as investigações de cunho interdisciplinar realizadas por pesquisadores comprometidos com a área, têm se intensificado ao longo do tempo no Brasil, em diálogo com pesquisadores de diversos países e de variadas correntes científicas. Diante de tal desenvolvimento, será que podemos falar sobre uma Escola Brasileira de Hospitalidade?

Ao ministrar a disciplina de Hospitalidade, especialmente na graduação, acabamos por comentar sobre as diferenças [ou supostas divergências] da Escola Francesa e da Escola Anglo-Saxã de Hospitalidade. Tal distinção ainda é citada em muito artigos da área. Ocorre que foram os estudos brasileiros que postularam tais denominações, possivelmente para efeitos didáticos, tal como as relevantes dimensões da Hospitalidade estabelecidas por Luiz Octávio de Lima Camargo. Importante salientar como tais classificações ainda nos auxiliam para explicar a temática aos estudantes iniciantes no tema ou mesmo para organizar nosso pensamento diante do movimento em espiral da Hospitalidade. Entretanto, no que tange ao avanço da pesquisa científica em si, é possível verificar que os estudos de Hospitalidade acabaram por se sobrepor a categorias lineares. Dessa maneira, os estudos brasileiros de Hospitalidade nasceram de forma diversa e inclusiva com várias formas do pensar. Talvez, por isso, ainda apresentam elementos metodológicos difusos e carentes de um rigor apropriado.

Ora, mas não seria a raiz da própria Hospitalidade tal diversidade e dispersão?

¹ **Leandro Benedini Brusadin** – Doutor. Professor no Departamento de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto e no Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, Universidade Federal de Minas Gerais, Ouro Preto, MG, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6145842454776872>. E-mail: leandro@ufop.edu.br **Editor desta edição especial Hospitalidade, da RRV-TH.**

A atuação dos pesquisadores da área de Hospitalidade no Brasil tem demonstrado a pluralidade deste campo científico. De toda forma, ainda há muitas confusões sobre o termo e apropriações que escapam a uma abordagem conceitual mais profunda. A própria palavra <hospitalidade> conduz a isso, por ter uma conotação com alegria e simpatia, utilizadas de forma mecânica como manual de atendimento ao cliente. Seria mais razoável a perspectiva da assistência, da empatia e do cuidado, inerentes à Hospitalidade propriamente dita. Porém, essa é uma sina dos estudiosos em Turismo cujo termo também é rotulado dentro e fora das universidades. No entanto, assim como o campo do Turismo vêm mostrando a sua significância para a ciência e para sociedade, a Hospitalidade também vem abrindo suas portas.

O paradoxo é que falar de Hospitalidade neste momento da nossa história poderia ser anacrônico. A nossa sociedade - a sociedade de indivíduos - caminha na direção contrária do coletivismo e do altruísmo. Temos que as relações entre os sujeitos são os fatores chaves para a compreensão das cenas da Hospitalidade. As alteridades entre os protagonistas denotam os processos do acolher e do hostilizar dentre os que são situados [ou estigmatizados] como membros e como não-membros de uma dada comunidade. Tais distinções são postuladas no tecido social contemporâneo por diversos grupos sociais.

Nessa lógica, surge um questionamento instigante no atual cenário: para que acolher o outro se o que o mesmo tem a oferecer [ou nada a oferecer] supostamente não me interessa? Assim surge a xenofobia aos imigrantes, a turismofobia e a outras formas de intolerância. A ausência do interesse, das trocas assimétricas e de aspirações incondicionais com o outro denotam uma crise de hospitalidade na contemporaneidade. Se assim for, não se trata apenas de uma crise migratória, de uma crise ambiental ou mesmo de uma crise sanitária, mas sobretudo, de uma crise de hospitalidade entre os seres humanos e das nossas relações com os animais e com a natureza. A solidariedade vem sendo vítima de uma sociedade que substitui os vínculos humanos por mercadorias.

Ora, como estudar a Hospitalidade e seus vínculos sociais nesta sociedade? A resposta nos parece óbvia: pelo viés da hostilidade. Na medida em que a Hospitalidade enquanto exercício de trocas entre humanos, animais e o meio ambiente naufraga na contemporaneidade, mais ganha importância o se questionar isso criticamente, em diálogo com esta mesma sociedade. A função básica da Hospitalidade é promover um processo de troca assimétrica, material ou simbólica, entre aqueles que fornecem a hospitalidade [anfitriões] e aqueles que a recebem

[hóspedes] com uma aspiração incondicional em vias de um acordo de paz e afeto. Entretanto, essa predisposição a hospitalidade por vezes se põe de forma oposta às regras comerciais do mercado e contratuais do Estado diante do cálculo utilitarista das relações.

À medida que tais estudos sobre hostilidade crescem e ganham importância é possível entender e ampliar o próprio conceito de Hospitalidade. Assim como se fala em estudos críticos de Turismo, creio que já podemos falar em estudos críticos de Hospitalidade. Mas, a Hospitalidade tem algumas diferenças importantes do próprio Turismo. Longe de estabelecer todas - duas delas parecem relevantes - a hospitalidade precede ao turismo na história da humanidade e está para além das questões comerciais e de negócio. Dito isso, o problema que surge é se a Hospitalidade existe, de fato, no comércio, tal como diria Anne Gotman.

Contanto, os problemas epistemológicos da pesquisa na área, assim como os seus objetos de estudo, são múltiplos e inesgotáveis.

Fato é que a Hospitalidade é, sobretudo, um estudo relacional. Isso é o que tenho aprendido na coordenação do GT Hospitalidade e Sociedade da ANPTUR, com a Prof^a Dr^a Marcia Cappellano. Tal como naquele espaço de discussão e pesquisa, a Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade e outras mais vêm se esforçando para abrir as portas para a produção deste campo. O presente **Dossiê Especial - Hospitalidade da Revista Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade** demonstra a pluralidade dos pensamentos e das pesquisas na área. As pesquisas se voltam para interessantes estudos da Hospitalidade em lugares diversos, tais como parques temáticos, confeitarias, destinos gay friendly, transporte aéreo, couchsurfing e em restaurantes de comunidades tradicionais. Além do olhar para os lugares de hospitalidade, essa Edição Especial nos traz perspectivas analíticas importantes na hospitalidade turística, nos poemas de Cora Coralina, no conceito de dádiva, nas relações de tradição e identidade, na dialética sócio-espacial, e por fim, nas políticas públicas de hospitalidade urbana.

Os estudos da Hospitalidade em diversos âmbitos de pesquisa - iniciação científica, graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado de brasileiros no país e no exterior vêm, cada vez mais, construindo um campo importante para diversas áreas do conhecimento - Sociologia, História, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Políticas, Administração, Geografia, Psicologia, Educação, Turismo e tantos outros. Os grupos de pesquisa na temática se multiplicaram ao longo dos anos e, longe de fazer um levantamento quantitativo que não é de minha alçada, podemos ressaltar a qualidade dos trabalhos publicados, das dissertações e teses defendidas com o empenho de

autores[as] e seus orientadores[as]. O trabalho dos pesquisadores[as] em Hospitalidade, embora ainda poucos se consideradas a outras áreas, é incansável. Tem-se tornado difícil acompanhar e atualizar-se sobre a produção.

Apesar disso, a ideia da pesquisa em Hospitalidade não é a autonomia do campo. Afinal, isolar a Hospitalidade seria contradizer o próprio termo. A interdisciplinaridade é o fator mais desafiador e, ao mesmo tempo, o que fornece sentido para a pesquisa na área. Mesmo assim, os pesquisadores sabem o quanto é difícil explicar a Hospitalidade para outros colegas que desconhecem os estudos com essa abordagem. Mas esse é o desafio que nos propomos, pois quem estuda e pesquisa Hospitalidade está sempre na fronteira. Se colocar na fronteira é se colocar em risco ao perigo e às portas fechadas, mas também é buscar a abertura e abrigo em uma pequena fresta da porta, ainda que sem a ilusão de encontrar um eldorado científico.

No Brasil, ao reunir correntes de pensamentos distintos e com bastante criatividade, acabamos por dar origem a um modo próprio de ensinar e pesquisar a Hospitalidade. Esse modo, aparentemente difuso, vem se organizando e somando produções para o que poderíamos denominar, ainda que precocemente, como **Escola Brasileira de Hospitalidade**. No entanto, independente desta forma canônica de se produzir ciência com denominação de escolas, professores catedráticos e hierarquias científicas, a ideia é que os trabalhos produzidos aos longos dessas décadas de pesquisa em Hospitalidade já são capazes de fornecer estima intelectual suficiente para nos reconhecermos e, também, sermos reconhecidos.

As próprias pontes estabelecidas com pesquisadores anglo-saxões, franceses e portugueses por parte dos pesquisadores brasileiros, ainda que com os diversos desafios de se produzir ciência no País, nos remete a um modo próprio de pesquisar Hospitalidade. Os investigadores brasileiros foram capazes de reunir muitos estudos que os próprios europeus não fizeram dentre tais. A singularidade da corrente científica brasileira de Hospitalidade está justamente na sua pluralidade. Portanto, a rebote do que denominamos como Escolas Anglo-Saxã e Francesa, mesmo que balizadoras das nossas leituras e de nossas experiências acadêmicas, é chegado o momento de decolonizar o nosso pensamento e reverter o olhar acadêmico da Hospitalidade para a América Latina, seus autores[as], estudantes, professores[as] e pesquisadores[as].